

Patrimônio, memória e identidade: um estudo sobre a cidade de Sarandi/RS

Patrimonio, memoria e identidad: un estudio sobre la ciudad de Sarandi/RS

Heritage, memory and identity: a study on the city of Sarandi/RS

CRISLAINE TERESINHA ARBUSTIⁱ  

Resumo: Este trabalho busca compreender de que modo a arte pública, enquanto patrimônio, contribui para a preservação da memória e da identidade cultural e histórica da cidade de Sarandi/RS, abrangendo o recorte de 1939 a 2024. A pesquisa explora a relação entre arte pública, memória e patrimônio, considerando que as intervenções artísticas urbanas expressam e preservam a memória coletiva, enriquecem o patrimônio cultural e moldam a paisagem urbana como lugares de memória. Além disso, investiga-se se tais expressões podem fortalecer a identidade local, o senso de pertencimento e a valorização da arte urbana enquanto patrimônio cultural. Para isso, foi realizada uma pesquisa documental e de campo, com levantamento fotográfico das intervenções artísticas. Considerando que a arte pública transcende sua função estética, homenageando figuras e eventos históricos que reavivam memórias e estabelecem vínculos afetivos com a comunidade, os lugares de memória conectam a memória coletiva à história local, fortalecendo a identidade cultural da cidade.

Palavras chave: Identidade. Memória. Patrimônio.

Resumen: Este trabajo busca comprender de qué modo el arte público, en tanto patrimonio, contribuye a la preservación de la memoria y de la identidad cultural e histórica de la ciudad de Sarandi/RS, abarcando el período de 1939 a 2024. La investigación explora la relación entre arte público, memoria y patrimonio, considerando que las intervenciones artísticas urbanas expresan y preservan la memoria colectiva, enriquecen el patrimonio cultural y moldean el paisaje urbano como lugares de memoria. Además, se investiga si tales expresiones pueden fortalecer la identidad local, el sentido de pertenencia y la valorización del arte urbano como patrimonio cultural. Para ello, se realizó una investigación documental y de campo, con un relevamiento fotográfico de las intervenciones artísticas. Considerando que el arte público trasciende su función estética, homenajeando a figuras y eventos históricos que reavivan memorias y establecen vínculos afectivos con la comunidad, los lugares de memoria conectan la memoria colectiva con la historia local, fortaleciendo la identidad cultural de la ciudad.

Palabras clave: Identidad. Memoria. Patrimonio.

Abstract: This study seeks to understand how public art, as cultural heritage, contributes to the preservation of the memory and the cultural and historical identity of the city of Sarandi, in the state of Rio Grande do Sul, covering the period from 1939 to 2024. The research explores the relationship between public art, memory, and heritage, considering that urban artistic interventions express and preserve collective memory, enrich cultural heritage, and shape the urban landscape as sites of memory. Furthermore, it investigates whether such expressions can strengthen local identity, the sense of belonging, and the appreciation of urban art as cultural heritage. To this end, documentary and field research were conducted, including a photographic survey of artistic interventions. Considering that public art transcends its aesthetic function by honoring historical figures and events that revive memories and establish affective bonds with the community, the sites of memory connect collective memory to local history, strengthening the city's cultural identity.

Keywords: Heritage. Identity. Memory.

ⁱ Mestranda em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista Capes II. Graduada em Artes Visuais (licenciatura) pela mesma instituição. Graduada em Letras (segunda licenciatura) pelo Centro Universitário Internacional. E-mail: 126844@upf.br.

Considerações iniciais

A arte, em sua essência, é, antes de tudo, uma forma de olhar, sentir e habitar o mundo, mas também um modo de permanecer na memória e na história. Vivemos em um mundo em que o ambiente natural cede, cada vez mais, espaço a cenários idealizados pelo homem: ruas, praças, casas e prédios que expressam projetos de cidade e de comunidade. No entanto, a cidade vai muito além de suas construções e monumentos. Ela se constitui pelo olhar e vivência de cada morador ou turista, pois é no uso cotidiano de cada cidadão que a cidade se constrói, se adapta e se transforma. Nesse panorama, a arte, como produto social, histórico e cultural, não apenas integra a paisagem externa, mas molda a maneira como a percebemos e nos relacionamos com ela.

Historicamente, a estrutura das cidades reflete a visão da sociedade de cada época, tornando-as importantes registros históricos. “Ao tomar forma, a cidade antiga juntou numerosos órgãos dispersos da vida comum e, dentro dos seus muros, promoveu a sua interação e a sua fusão” diz Mumford (2004, p. 613). Outrora consideradas até mesmo sagradas, elas hoje são muito mais um arranjo capitalista voltado à produção e ao consumo do que um espaço dedicado à vida em comunidade.

Desde as primeiras formas de organização social, surgiram diferentes formas de ocupar e usar os espaços surgiram, geralmente separando o que é público do que é privado. Uma das transformações mais marcantes nessa maneira de pensar e organizar as cidades aconteceu com a chegada dos automóveis, que rapidamente passaram a fazer parte do dia a dia e acabaram mudando a dinâmica e o equilíbrio dos espaços públicos. Depois da Revolução Industrial, as discussões sobre urbanismo se intensificaram, e as cidades passaram a ser cada vez mais planejadas para atender à produção e ao consumo, deixando um pouco de lado a convivência entre as pessoas e o equilíbrio com a natureza.

A rua, antes um espaço de convivência e interação, transformou-se em um corredor de passagem, voltado mais para o trânsito de veículos e para o comércio do que para a vida em comunidade. De acordo com Mumford, “dentro da prática atual, vendemos o nosso direito urbano de berço em troca de uma triste confusão de automóveis” (2004, p. 550). O convívio entre as pessoas nas ruas acabou sendo substituído pelo isolamento dentro dos carros, o verde

das paisagens naturais deu lugar ao cinza das construções urbanas. Essa transformação não mudou só a aparência das cidades, mas também influenciou o jeito como as pessoas vivem hoje: sempre com pressa e, muitas vezes, distantes umas das outras e do ambiente que as cerca. Essa transformação, tornou a presença da arte ainda mais essencial nas cidades.

Com o avanço da tecnologia, as cidades passaram a ser planejadas muito mais pensando na mobilidade urbana do que na sustentabilidade ou na valorização das manifestações artísticas e culturais. É visto que o planejamento urbano segue muito a lógica econômica da globalização, onde a vida nas cidades acaba sendo mais acessível para quem tem dinheiro e pode morar nos lugares mais bem estruturados, enquanto as populações mais pobres ficam à margem, sofrendo com a exclusão socioespacial. Esse tipo de segregação ainda é agravado pelo fato de que a terra é tratada como uma mercadoria, usada principalmente para gerar lucro.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (Nora, 1993, p. 7).

É preciso repensar as cidades, olhando com mais atenção para os espaços públicos, de forma que eles incentivem o encontro, a convivência e a interação entre as pessoas, além de permitir o contato e a contemplação da natureza, que precisa estar integrada à preservação do patrimônio e dos lugares de memória. Quando falamos sobre as cidades e suas possibilidades de transformação, Lynch recorda a importância de se contemplar a paisagem urbana, pois assim como as obras arquitetônicas, as cidades são “uma construção no espaço” e o design delas pode ser entendido como “uma arte temporal” (1997, p. 11). Assim, repensar os espaços urbanos é também repensar as formas de viver, valorizando a paisagem, a memória e o convívio como elementos essenciais para a construção de cidades mais humanas e significativas.

Sarandi/RS: identidade, memória e patrimônio

Ao refletir sobre tempo, memória, arte e espaço, percebe-se que o estudo das cidades aproxima as pessoas das transformações do espaço público, revelando que “espaço” já não se

limita ao significado original de região geográfica. Ao contrário, o espaço urbano é tecido por disputas simbólicas, práticas cotidianas e relações sociais que se manifestam por meio da arte. Cada mural, escultura ou monumento insere-se num jogo maior de representações, no qual diferentes grupos reivindicam visibilidade e legitimidade simbólica.

Conforme Le Goff, “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos” (1990, p. 535), sendo os monumentos herança do passado, que “tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (1990, p. 536).

Dessa forma, a reflexão de Le Goff sobre as bases materiais da construção histórica é fundamental, pois, os monumentos, muitas vezes vistos como heranças neutras do passado, são na verdade construções políticas que refletem interesses específicos, geralmente de grupos dominantes. Eles moldam a memória coletiva ao mesmo tempo em que silenciam outras vozes e experiências históricas, como as de populações marginalizadas. Assim, é essencial que o historiador não apenas interprete esses vestígios do passado, mas também questione quem os produziu, por que foram preservados e o que ou quem foi deixado de fora.

Formação histórica e colonização de Sarandi/RS

Conforme o historiador local Almedoro Vencatto (1994), os primeiros habitantes da área que hoje constitui o município de Sarandi/RS eram povos indígenas e sobreviventes da Revolução Federalista. Esses pioneiros enfrentaram grandes desafios, especialmente na obtenção de alimentos, uma vez que, apesar da fertilidade do solo, a região era densamente coberta por matas. Além disso, a localização geográfica, afastada dos principais centros populacionais da época, agravava as dificuldades de acesso ao comércio e aos serviços de saúde. As primeiras vias de transporte na região eram apenas trilhas rudimentares, conhecidas como picadas, que permitiam, no máximo, o trânsito de carroças.

A arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem; carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos. O elemento coletivo e o privado, sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade, que é feita de tantos pequenos seres que procuram uma organização e,

juntamente com esta, um pequeno ambiente para si mais apropriado ao ambiente geral (Rossi, 2001, p. 294).

Ainda segundo Vencatto (1994), a primeira fase da colonização do então distrito de Sarandi/RS, na época vinculado ao município de Passo Fundo, teve início em 1917 sob a liderança da companhia colonizadora Gomes & Schering, responsável pela formação de um povoado e pela organização da ocupação das terras. A empresa demarcou e disponibilizou aproximadamente 400 lotes, a maioria situada no atual distrito de Ati-Açu, então conhecido como 1ª Sede, onde efetivamente se iniciou o processo de colonização do município, com a instalação de uma colônia formada por imigrantes alemães.

Adolf Julius Kayser, considerado o primeiro morador do município, adquiriu os lotes nº 01 e nº 02 da firma Armínio da Silva & Cia., em 26 de junho de 1918. Ele e sua esposa, Henriette Margarida Schmidt Kayser, oriundos de São José do Hortêncio, distrito de São Sebastião do Caí, estabeleceram-se na região, dando início à história de ocupação permanente no local.

O estrangeiro, durante muito tempo, é recebido, antes, com interesse, curiosidade e honra, do que como objeto de repulsa e desprezo. Sobretudo o estrangeiro que traz uma nova maneira de bordar, uma nova técnica de ourivesaria e que a cidade adota, ainda mais quando essa técnica pode transformar a habilidade de um indivíduo numa produção em série (Le Goffm 1988, p. 54).

A segunda fase da colonização ocorreu sob a administração da firma Gomes, Schering, Sturm & Cia., responsável pela ocupação e desenvolvimento da área onde atualmente se encontra a cidade de Sarandi/RS, então denominada 2ª Sede. De acordo com registros históricos, em 1918, a firma iniciou a venda de lotes aos recém-chegados, predominantemente imigrantes italianos. Entre os pioneiros, estava Ignácio Giordani, que foi um dos primeiros compradores de lotes e, em parceria com a companhia colonizadora, ajudou a fazer o planejamento e a organização das primeiras quadras e ruas. “A cidade de Sarandi foi construída no seu atual perímetro urbano, tendo em vista possuir pouca vegetação recobrando a rocha desnuda” (Vencatto, 1994, p. 43).

Ainda segundo Vencatto (1994), no início da década de 1920, o número crescente de moradores já configurava um pequeno povoado, que contava com capela e comércio, e se desenvolveu de forma gradual até 1923. Nesse ano, porém, o processo de colonização foi interrompido devido à invasão de tropas revolucionárias durante a Revolução de 1923. Esse

período foi marcado por intensos confrontos entre chimangos e maragatos, colocando a região, ainda nos primórdios de sua colonização, no centro de um conflito armado que impactou significativamente o avanço da ocupação e do desenvolvimento local. A perseguição durou vários meses. Ainda de acordo com o relatado pelo historiador local em seu livro “Sarandi: um recanto histórico do Rio Grande do Sul”, foram tempos difíceis, e muitas famílias saíram de Sarandi/RS, migrando para lugares onde havia mais tranquilidade, fazendo com que a expansão do povoado estagnasse. Nos anos que se passaram, alternaram-se períodos de pilhagens e calmaria, até o desenrolar da Revolução de 1930, quando houve muito pânico entre a população, pois temiam que ocorressem saques novamente.

Em 29 de dezembro de 1927, a então capela de Sarandi/RS foi elevada à categoria de paróquia, e a segunda e atual Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes foi construída em 1936, projetada por Dante Mosconi. O município de Sarandi/RS foi criado pela Lei Estadual nº 7.840, de 27 de junho de 1939, sendo oficialmente instalado em 1º de janeiro de 1940.

A cidade como espaço de memória e identidade

O crescimento das cidades nem sempre considera todos os grupos sociais igualmente, pois algumas memórias são valorizadas e preservadas, enquanto outras são apagadas ou marginalizadas. “Todavia, com o tempo a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria. Na sua construção permanecem os motivos originários, mas ao mesmo tempo a cidade esclarece e modifica os motivos do seu próprio desenvolvimento”, afirma Rossi (2001, p. 294). Assim, o desenvolvimento urbano também reflete disputas por espaço, identidade e pertencimento, revelando que a memória da cidade é, na verdade, múltipla e atravessada por relações de poder.

Todas as grandes manifestações da vida social têm em comum com a obra de arte o fato de nascerem da vida inconsciente; este nível é coletivo no primeiro caso, individual no segundo; mas a diferença é secundária porque umas são produzidas pelo público, as outras para o público; mas é precisamente o público que lhes fornece um denominador comum (Rossi, 2001, p. 315).

A arte pública, enquanto elemento patrimonial, desempenha um papel fundamental na preservação da memória e da identidade cultural e histórica de uma cidade, assegurando que

sua herança cultural seja valorizada e transmitida às próximas gerações. Existe uma relação intrínseca entre arte pública, memória e patrimônio, pois as intervenções artísticas no espaço urbano constituem meios de expressar e salvaguardar a memória coletiva, ao mesmo tempo em que contribuem para enriquecer e revitalizar o patrimônio, transformando e caracterizando a paisagem urbana.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (Nora, 1993, p. 13).

Considerando que a cultura pode ser entendida como uma rede de significados socialmente estabelecidos, Pesavento (1995) afirma que a cidade se apresenta como o espaço onde esses significados são construídos e manifestados, reunindo os interesses tanto da história social quanto da história cultural, logo, reconstruir a cidade por meio da interpretação de suas representações é uma forma de compreender parte do que chamamos de realidade. Para Anne Cauquelin (2005, p. 142) o espaço é definido pela sua utilização: “o espaço não preexiste ao uso que se faz dele; é, ao contrário, o uso que define o lugar como lugar, que tira o espaço de sua neutralidade ‘natural’ para artificializá-lo, ou seja, habitá-lo.” Sendo assim, arte pública é toda arte existente em espaço público.

Entender “espaço público” apenas como ruas, praças e edifícios estatais é limitação insuficiente. Cinemas, shoppings, estádios, museus e centros culturais também são áreas de circulação social e de trocas simbólicas, independentemente da sua posse ou natureza jurídica. Do mesmo modo, “arte pública” não se resume a estátuas ou bustos em praças, mas abrange murais, performances, instalações efêmeras e projetos comunitários que, ainda que não necessariamente duráveis, colaboram para o fortalecimento da identidade coletiva e para a apropriação cidadã do território. José Francisco Alves (2006) diz que o critério da localização é mais utilizado para determinar quais obras seriam consideradas “arte pública”, e não seu caráter público “universalmente aceito e reconhecido de valor para um determinado povo ou cultura” (Alves, 2006, p. 26).

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente

oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (Nora, 1993, p. 21-22).

Cada escolha que fazemos acaba sendo uma forma de expressar quem somos, aquilo que valorizamos e os objetivos que queremos alcançar. Quando se trata da criação artística, cada decisão reflete não só a nossa visão de mundo e as prioridades daquele momento, mas também carrega uma dimensão política. A cidade, por sua vez, é representada através de imagens e narrativas que acabam substituindo a sua realidade física e social, funcionando como uma expressão simbólica. Assim, ela se manifesta nas emoções e sentimentos das pessoas, mas também nos sonhos, medos e desejos de quem vive nela. Na Praça Farroupilha, por exemplo, um mural e um monumento destacam eventos históricos relevantes para o município e estado.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1993, p. 9).

Memória e história são formas diferentes, mas complementares, de se relacionar com o passado. A memória é viva, afetiva e ligada à identidade dos grupos, transmitida por meio de tradições, práticas e símbolos. Já a história busca compreender criticamente os acontecimentos, organizando-os de forma racional e analítica. Ambas se influenciam: a memória inspira a

história, enquanto a história ajuda a preservar e interpretar a memória, transformando lembranças em conhecimento coletivo.

O interesse pelos lugares onde se ancora, se condensa e se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva ressalta dessa sensibilidade. História, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma época sem romance verdadeiro. Memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura (Nora, 1993, p. 28).

Assim, cada mural, escultura ou monumento funciona, assim, como um repositório híbrido onde memórias orais, visuais e escritas se encontram e se perpetuam. O patrimônio cultural vai muito além de construções e objetos consagrados: ele envolve também práticas, saberes, crenças e modos de vida, que resultam da experiência humana acumulada ao longo do tempo. Valorizar esse patrimônio significa reconhecer sua importância não apenas como herança material, mas como elemento fundamental para a construção da identidade social e cultural de uma comunidade.

Procedimentos metodológicos

Considerando que este estudo tem uma abordagem qualitativa e exploratória, buscando entender como a arte pública ajuda a manter viva a memória e a identidade cultural da cidade de Sarandi/RS. As obras escolhidas para análise foram selecionadas por alguns critérios: elas precisavam ter valor histórico ou simbólico para Sarandi, estar em locais públicos e acessíveis à população e terem sido produzidas preferencialmente por artistas locais. A ideia principal é pesquisar o que essas obras de arte significam para a comunidade e como se relacionam com a história do município.

Para o desenvolvimento do estudo, foram realizadas leituras de livros e artigos acadêmicos, além de visitas aos espaços públicos de Sarandi/RS, com o objetivo de identificar, fotografar e catalogar as obras de arte públicas existentes no município. As imagens coletadas foram analisadas com base em três aspectos principais. Primeiramente, observaram-se as características visuais, como tamanho, formas, cores, materiais e técnicas utilizadas nas obras. Em seguida, foram pesquisados o ano de criação e o contexto espacial, ou seja, o local onde cada obra está instalada. Por fim, buscaram-se informações históricas e bibliográficas para

compreender seus significados, considerando o que representam e como se conectam à identidade local.

Monumentos e murais como lugares de memória

A seguir, são apresentadas as principais obras de arte pública identificadas no município de Sarandi/RS, acompanhadas de uma breve descrição que contempla seus aspectos visuais, ano de criação, autoria, localização e uma sucinta contextualização.

O “Monumento Farroupilha”, construído em 1985 pelo artista plástico Ale Zanonato em uma parceria com o construtor Juliano Dalla Corte, foi criado para celebrar os 150 anos da Revolução Farroupilha, também conhecida como Guerra dos Farrapos, um marco importante que influenciou a história do Rio Grande do Sul. A obra, que mede aproximadamente 10 metros de altura, foi feita a partir de sucata de metal reciclado. Ela está localizada no centro da Praça Farroupilha, o que a torna um marco central e visível no espaço urbano.

Figura 1 – Monumento Farroupilha



Fonte: Acervo da autora (2024)

O mural "Família de Imigrantes", criado também pelo artista plástico Ale Zanonato, está localizado na Praça da Matriz, bem em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes. Pintado em uma paleta de tons terrosos e formas realistas, obra presta homenagem à história da imigração em Sarandi, reforçando a ligação dos moradores com suas raízes culturais. Produzido em 1988 e restaurado em 2024, o mural é considerado um ponto turístico importante na cidade.

Com mais de 20 metros de comprimento, ele retrata cenas do cotidiano dos imigrantes italianos que colonizaram o município há mais de cem anos.

Figura 2 – Família de Imigrantes



Fonte: Acervo da autora (2024)

O “Monumento em Homenagem aos Trabalhadores Rurais Sem Terra”, localizado em Encruzilhada Natalino, no interior de Sarandi/RS, relembra a luta pela terra, sendo um marco importante na ressignificação do território do município. A obra foi criada em 1990 pelo artista Ale Zanonato, em parceria com o construtor Juliano Dalla Corte, utilizando sucata de metal reciclado. Ela homenageia a luta pela terra, destacando um aspecto muitas vezes marginalizado da história local. O monumento tem cerca de 5 metros de altura. Em 2020, foi enviado um pedido à Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Sul para que o monumento seja reconhecido como patrimônio histórico, tanto material quanto imaterial, do Brasil.

Figura 3 – Monumento em Homenagem aos Trabalhadores Rurais Sem Terra



Fonte: Acervo da autora (2024)

A história da colonização também é representada no mural “Pincelando Nossa História”, que fica no muro externo do Cemitério Municipal. A obra pintada por Ale Zanonato foi criada em 2002 como parte de um projeto que previa 24 painéis, mas apenas 10 foram concluídos. Com o passar do tempo, esses painéis sofreram desgaste, e atualmente há uma mobilização para restaurá-los e, quem sabe, finalizar as outras 14 cenas que mostram diferentes aspectos da colonização no município. As pinturas variam de 3 a 4 metros de altura, acompanhando o relevo da rua. A técnica mista e o uso de cores fortes criam um efeito narrativo que convida o observador a percorrer a história da cidade.

Figura 4 – Pincelando Nossa História



Fonte: Acervo da autora (2015)

Construído em 2020, o “Monumento Artur Berlet” foi inspirado em um disco voador e é uma homenagem ao escritor Artur Berlet, um dos cidadãos mais conhecidos de Sarandi/RS. Em 1958, ele afirmou ter sido abduzido por extraterrestres e levado a um planeta chamado Acart. Sua experiência foi narrada no livro “Os Discos Voadores, da Utopia à Realidade – Narrativa de uma Real Viagem a Outro Planeta”. Localizada na Praça da Cidadania, a estrutura arquitetônica, feita em concreto armado, foi projetada para representar justamente um disco voador. A construção tem 15 metros de comprimento e 5 metros de altura, contando ainda com uma esfera central de 2,60 metros. O projeto foi idealizado pelo arquiteto Norton Faccenda, enquanto a execução da obra ficou a cargo da Engearte Construtora e Incorporadora.

Figura 5 – Monumento Artur Berlet



Fonte: Acervo da autora (2024)

A pintura mural “Homenagem à Imigração”, também criada pelo mesmo artista, retrata os primeiros moradores de Sarandi/RS: o casal Adolf Julius Kayser e Henriette Margarida Schmidt Kayser, junto com seus dois filhos, Werno e Irena. Segundo o historiador local Almedoro Vencatto (1994), eles são considerados pioneiros da colonização do município e, inclusive, foram homenageados pela prefeitura no 50º aniversário da chegada da família a Sarandi. Em seu livro “Sarandi: um recanto histórico do Rio Grande do Sul”, Vencatto conta que o casal de agricultores adquiriu, em 26 de junho de 1918, os lotes nº 01 e nº 02 da companhia colonizadora Armínio da Silva & Cia. Eles vieram de São José do Hortêncio, um distrito de São Sebastião do Caí, e se estabeleceram no interior do distrito de Ati-Açu, onde começou a primeira fase da colonização de Sarandi. A obra foi produzida em 2020, utilizando tinta spray e a técnica do grafite, com recursos da Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, através da aprovação de um projeto pelo Conselho Municipal de Política Cultural. A pintura está na parede lateral do prédio onde funcionam o Ministério Público e o Banco do Brasil, e mede cerca de 11 metros de altura por 9 metros de largura. A valoriza os primeiros colonizadores com traços suaves e uso somente das cores preto e branco que remetem as fotografias antigas.

Figura 6 – Homenagem à Imigração



Fonte: Acervo da autora (2020)

O mural “Família de Imigrantes”, pintado por Ale Zanonato em 2021, mede cerca de 5 metros de altura por 3 metros de largura. A obra foi inspirada em fotografias antigas que mostram famílias de imigrantes italianos. A pintura está na fachada externa do Centro Histórico do Imigrante Ernesto Salami Neto, onde funciona o Museu Municipal Angelina Zanonato. Esse prédio histórico, que já foi a residência da família Salami, é considerado a primeira construção de alvenaria de Sarandi, datada de 1923. Além de ser um marco importante para a preservação da história e da arquitetura original da cidade, o local também carrega um grande valor cultural e histórico para toda a região. No museu, é possível encontrar fotografias, objetos, móveis e roupas que foram doados por famílias da comunidade para que essa memória pudesse ser preservada.

Figura 7 – Família de Imigrantes



Fonte: Acervo da autora (2024)

A cidade se constrói a partir das imagens e das percepções que seus habitantes e visitantes formam sobre ela. Na paisagem urbana de Sarandi/RS, uma análise inicial da arte pública evidencia que essas expressões artísticas possibilitam a interpretação, no plano simbólico e cognitivo, de imagens, memórias e narrativas relacionadas à cidade. Estudar a história dos monumentos e a memória de Sarandi por meio das obras de arte permite compreender de que forma essas representações podem reforçar determinados discursos, legitimar ou silenciar identidades, além de estimular o sentimento de pertencimento e identificação com o espaço urbano.

Considerações finais

A arte transforma vidas e espaços, constrói laços e eterniza memórias. Arte é emoção, mas também é patrimônio, identidade e cultura. Ela sensibiliza, provoca e conforta. A arte registra a história, mas também recria a realidade e permite construir um novo caminho para o futuro. É fundamental incentivar o debate sobre o direito à cidade, a preservação da arte, dos lugares de memória e do patrimônio, além de entender que nem todos os problemas urbanos podem ser resolvidos simplesmente com a expansão das cidades. É essencial criar políticas públicas realmente eficazes, que não visem apenas ao lucro ou a soluções de curto prazo, mas que também levem em conta as pessoas, priorizando a preservação do patrimônio e garantindo que todos tenham acesso aos diferentes espaços urbanos. Pensar nas cidades do futuro exige ir além das questões econômicas, criando ambientes que atendam às necessidades sociais e ambientais, evitando que o território seja explorado apenas com fins capitalistas.

A metodologia adotada teve como foco o município de Sarandi/RS, abrangendo o período desde sua emancipação até o ano de 2024, com a realização de um levantamento fotográfico dos principais locais de memória. Para as próximas etapas da pesquisa, pretende-se incluir entrevistas semiestruturadas e grupos focais, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre como os moradores interagem com a arte pública e de que maneira a memória coletiva é vivida, compartilhada e transformada nesses espaços de identidade.

Quando se afirma que “arte também é uma forma de permanecer”, especialmente no contexto urbano, as intervenções artísticas operam como âncoras da memória coletiva,

resistentes ao desgaste do tempo e capazes de manter vivas narrativas que, sem esse suporte, poderiam se perder. Em Sarandi/RS, esses “lugares de memória” conectam a memória coletiva à narrativa histórica do município, atribuindo sentidos a pontos urbanos específicos. Foram identificados, por meio de levantamento fotográfico, locais como a Praça Farroupilha, a Praça da Matriz, a Praça da Cidadania, o Cemitério Municipal João Soares e o Centro Histórico do Imigrante Ernesto Salami Neto.

Por Sarandi ser um município relativamente jovem, completando, em 2025, 86 anos de emancipação político-administrativa, seus moradores mantêm ainda vivas as narrativas sobre a colonização, as primeiras festas religiosas e as transformações urbanas que moldaram a paisagem ao longo das mais de oito décadas de história. Essas histórias circulam por meio da tradição oral e nas conversas cotidianas, reforçando o vínculo afetivo dos moradores com seus antepassados e com o território, conferindo à cidade um sentido de continuidade. Ainda que grande parte das intervenções artísticas tenha sido realizada apenas nas últimas décadas, elas rememoram importantes marcos locais e temporais que fazem parte da identidade da comunidade sarandiense.

A arte tem um papel essencial na preservação da memória e na construção da identidade cultural de uma cidade. Em Sarandi/RS, por exemplo, obras instaladas em locais importantes, como a Praça Farroupilha e a Praça da Matriz, são marcos simbólicos que contam a história local. Mais do que decorar, a arte pública fortalece os laços sociais e reforça a identidade do povo, principalmente ao abordar temas como a migração. Essas obras criam uma ponte entre passado e presente, ajudando a comunidade a se reconectar com suas raízes. Reconhecê-las como patrimônio evidencia a importância da arte na preservação da memória coletiva. Assim, a arte urbana tem um papel fundamental na preservação da memória coletiva e na construção da identidade cultural de Sarandi/RS.

As obras públicas vão além do aspecto estético, passando a fazer parte do patrimônio local e contribuindo significativamente para a educação histórica e cultural da cidade. Valorizar e reconhecer essas expressões artísticas é essencial para que as próximas gerações consigam entender e valorizar a história do município. Em Sarandi/RS, as obras de arte pública são verdadeiros símbolos de memória coletiva e de patrimônio cultural. Ao se conectar com a história local e trazer novas formas de expressão, a arte transforma o espaço público em um

lugar de memória e pertencimento. Esse estudo reforça como a arte pública é fundamental para valorizar a identidade cultural e mostra seu papel transformador na sociedade.

Do ponto de vista social, a presença da arte pública em Sarandi/RS cumpre uma função de coesão comunitária. Em contextos de transformação urbana acelerada, onde novas edificações surgem diariamente, os murais atuam como elementos de continuidade, ou seja, pontos de referência que ajudam os moradores a se orientarem e a reconhecerem seu próprio lugar na cidade. Assim, a arte pública em Sarandi atende a múltiplas funções: registra memórias antigas, cria novas narrativas e fortalece o sentimento de pertencimento dos habitantes. Ela atua como força de resistência às rápidas mudanças urbanas, em que concreto e ruído poderiam obscurecer as histórias, lembrando a todos que esses espaços são palcos de experiências coletivas.

A arte urbana também exerce impacto direto na identidade das novas gerações. Em tempos de aceleração tecnológica, muitos jovens percebem o espaço público como mero cenário de tráfego e consumo. Intervenções artísticas, quando vinculadas a ações educativas, criam vínculos afetivos e cognitivos com a cidade, estimulando a participação cidadã e a apropriação crítica do território. Nesse sentido, a arte pública não apenas registra memórias, mas também constrói novas memórias, inscrevendo-se no território e na consciência coletiva. Mesmo sem contar com construções seculares, cada intervenção artística estudada carrega a marca de contextos sociais, históricos e culturais distintos, cumprindo a função de lugar de memória de forma simbólica.

Por fim, é fundamental discutir a importância das políticas públicas na preservação e no incentivo à arte urbana como patrimônio cultural. Em Sarandi/RS, embora existam ações pontuais, como o uso de recursos da Lei Aldir Blanc para financiar o mural “Homenagem à Imigração” (2020) e a proposta de tombamento do “Monumento em Homenagem aos Trabalhadores Rurais Sem Terra” junto ao IPHAN (2020), ainda falta um planejamento estratégico mais amplo. Esse plano deveria incluir ações como a restauração periódica dos painéis do Cemitério Municipal, a manutenção dos murais já existentes e programas que incentivem novas produções artísticas. Garantir uma gestão sustentável desses bens, com financiamento adequado, capacitação de agentes culturais e participação ativa da comunidade, pode não só impulsionar o turismo cultural e fortalecer a economia local, mas também ampliar a consciência patrimonial dos moradores.

Referências

ALVES, José Francisco. Transformações do Espaço Público. **Esculturas Monumentais de Amilcar de Castro**. Porto Alegre, Artfolio, 2004.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea**: uma introdução. Tradução de Rejane Janowitzer, São Paulo: Martins, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Editora da UNICAMP Campinas, São Paulo, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP - Universidade Estadual Paulista, 1998.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NORA, Pierre, & Aun Khoury, T. Y. (2012). **Entre Memória e História**: A Problemática dos Lugares. Tradução de: Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, São Paulo, v.10., p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 05 jan. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço**: por uma história cultural do urbano. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, dez. 1995.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VENCATTO, Almedoro. **Sarandi**: um recanto histórico do Rio Grande do Sul. Sarandi: A Região, 1994.